

Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar
Ministério da Cultura (MinC)



Apostila - Módulo 1 Roteiro e Produção de Vídeo



CURSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO E EDIÇÃO PARA CELULAR

2025

PARCEIROS



REALIZAÇÃO



Curso de Produção de Vídeo e Edição para Celular

Apostila – Módulo 1: Roteiro e Produção de Vídeo

Realização:

Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar
Rede dos Pontos de Cultura e Memória Rurais
Instituto de Imagem e Cidadania do Rio de Janeiro /
Ecomuseu Rural

Apoio Institucional:

Esta formação integrou a iniciativa apoiada pelo Ministério da Cultura (MinC), por meio do Edital de Seleção Pública MinC nº 9, de 31 de agosto de 2023 – Cultura Viva: Fomento à Pontões de Cultura, no âmbito da política pública: “A Política de Base Comunitária – Reconstruindo o Brasil”

Instrutora:

Monique Queiroga
Responsável pelas aulas e conteúdos do Módulo de Roteiro e Produção de Vídeo.

Elaboração da Apostila:

Instituto de Imagem e Cidadania do Rio de Janeiro

Organização e Redação:

Claudio Paolino
Marjorie Botelho

Sobre este material

Esta apostila foi elaborada a partir das aulas ministradas durante o Módulo de Edição do Curso de Produção de Vídeo e Edição para Celular. Tem como finalidade servir de apoio didático complementar, refletindo o conteúdo prático e formativo desenvolvido ao longo do curso.

Direitos Autorais e Uso

Este material é destinado exclusivamente a fins educativos, culturais e comunitários. Sua reprodução total ou parcial é autorizada, desde que citados os autores, ministrantes e instituições envolvidas. É proibida sua comercialização.

Sumário

Introdução	04
Prefácio - Módulo 1: roteiro e produção de vídeo	05
Apresentação - Módulo 1: roteiro e produção de vídeo	08
Antes da Câmera	09
O Papel do Roteirista	11
Escuta e o Documentário Pessoal	13
Estrutura do Roteiro Documental	16
Estilos de Documentário	18
Elementos Fundamentais do Roteiro	20
Critérios de Avaliação do Roteiro	23
Formatos de Roteiro: Como Escrever?	26
Análise de Projetos: Inspirações para o Processo Educativo	28
Atividades práticas	32
Leitura complementar	33
Filmes e curtas inspiradores	34

Apresentação

Esta apostila foi elaborada com base nas aulas ministradas pela educadora Monique Queiroga durante o Módulo 1 – Roteiro e Produção de Vídeo do Curso de Produção de Vídeo e Edição para Celular, realizado com os e as jovens agentes de Cultura Viva do Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar, vinculado à Rede Nacional dos Pontos de Cultura e Memória Rurais.

O curso foi estruturado em dois módulos complementares que abordaram diferentes etapas do processo audiovisual. O Módulo 1 concentrou-se na construção narrativa e no planejamento dos vídeos, enquanto o Módulo 2 abordou a montagem e a edição. Cada etapa foi pensada para fortalecer o protagonismo criativo das juventudes rurais, valorizando suas histórias e territórios.

Este módulo teve como foco apoiar a criação de roteiros autorais e educativos para curtas documentários, desenvolvidos a partir das vivências, memórias e realidades das comunidades rurais – do campo, das águas e das florestas. A atividade integrou as frentes de produção de conteúdo da TV Territórios Rurais e Cultura Alimentar e da campanha “Territórios Rurais Têm Fome de Direitos”, que reforça a importância de reconhecer e fortalecer as expressões culturais e os coletivos que atuam nos territórios rurais de todo o Brasil.

Ao longo dos encontros, trabalhamos práticas de escuta, organização narrativa e escolhas estéticas capazes de transformar experiências reais em roteiros sensíveis, críticos e coletivos. O roteiro foi apresentado como o primeiro passo do processo audiovisual – aquele momento de escutar o mundo ao redor e tomar decisões criativas sobre como contar uma história.

Esta ação integrou as atividades de produção de conteúdo da TV Territórios Rurais e Cultura Alimentar e da campanha “Territórios Rurais Têm Fome de Direitos”, que busca valorizar as expressões culturais dos territórios rurais e fortalecer a atuação dos Pontos de Cultura, coletivos e redes culturais que vivem e produzem nas comunidades do Brasil. Os vídeos produzidos podem ser acessados no canal:

www.youtube.com/@territoriosruraisecultura

A proposta desta apostila é servir como guia prático e reflexivo, incentivando você a desenvolver autonomia na edição, compreendendo que editar vai muito além de aplicar efeitos: é escutar, organizar e dar forma a experiências vividas, memórias coletivas e expressões autorais. Com atividades práticas, leituras complementares e dicas de inspiração, este material busca fortalecer o seu olhar crítico e criativo, e apoiar a construção de narrativas autênticas, inventivas e repletas de boas histórias.

Prefácio – Módulo 1:

Roteiro e Produção de Vídeo

Esta apostila foi desenvolvida como parte do Curso de Produção de Vídeo e Edição para Celular, uma ação formativa do Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar, voltada à capacitação de jovens agentes culturais das comunidades do campo, das águas e das florestas. Como Módulo 1 do curso, este momento formativo, conduzido pela educadora Monique Queiroga, teve papel essencial na formação do olhar audiovisual e na criação de narrativas conectadas às realidades dos territórios.

O Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar, vinculado à Rede Nacional dos Pontos de Cultura e Memória Rurais, atua na perspectiva da cultura como prática viva, comunitária e política. Ao promover formações como esta, reafirma seu compromisso com a democratização dos meios de produção audiovisual e com o fortalecimento das juventudes rurais enquanto protagonistas de suas próprias histórias. Esta apostila é ao mesmo tempo um material de apoio técnico e um instrumento de autonomia criativa, que reconhece os celulares como ferramentas de escuta, expressão e transformação.

O roteiro foi apresentado neste módulo como um gesto de escuta e organização do sensível. Escrever antes de filmar não é apenas planejar uma cena — é refletir sobre o que se quer contar, a quem se dirige a narrativa e por que aquela história precisa ser compartilhada. Os roteiros criados ao longo do processo nasceram de olhares atentos ao cotidiano, às relações afetivas e aos saberes presentes nas comunidades.

Este módulo está inserido em um conjunto de ações que articulam práticas formativas, criação coletiva e circulação de narrativas a partir dos territórios rurais. Ao promover a escuta ativa e o registro audiovisual de histórias locais, essa experiência fortalece não apenas a produção cultural das comunidades, mas também a visibilidade de vozes que resistem e se reinventam no cotidiano do Brasil rural.

Esperamos que esta apostila inspire mais jovens, coletivos e comunidades a transformar experiências vividas em narrativas audiovisuais. Que ela seja guia, provocação e ferramenta de liberdade — para escutar melhor, imaginar com mais coragem e registrar o que não pode mais ser esquecido. Porque quando os territórios falam por si, o país se revela por inteiro.

Claudio Paolino e Marjorie Botelho

Instituto de Imagem e Cidadania

Escola do Campo de Arte e Cultura – Ecomuseu Rural – Biblioteca de Artes Visuais

Apresentação – Módulo 1:

Roteiro e Produção de Vídeo

“ A gente escreve documentário quando escuta com atenção. A escuta é o primeiro roteiro. ”

Monique Queiroga

Esta apostila foi elaborada com base nas aulas ministradas pela educadora Monique Queiroga durante o Módulo 1 – Roteiro e Produção de Vídeo do Curso de Produção de Vídeo e Edição para Celular, realizado com os e as jovens agentes de Cultura Viva do Pontão de Cultura Territórios Rurais e Cultura Alimentar, vinculado à Rede Nacional dos Pontos de Cultura e Memória Rurais.

Este módulo teve como foco apoiar a criação de roteiros autorais e educativos para curtas documentários, desenvolvidos a partir das vivências, memórias e realidades das comunidades rurais — do campo, das águas e das florestas. A atividade integrou as frentes de produção de conteúdo da TV Territórios Rurais e Cultura Alimentar e da campanha “Territórios Rurais Têm Fome de Direitos”, que reforça a importância de reconhecer e fortalecer as expressões culturais e os coletivos que atuam nos territórios rurais de todo o Brasil.

Ao longo dos encontros, trabalhamos práticas de escuta, organização narrativa e escolhas estéticas capazes de transformar experiências reais em roteiros sensíveis, críticos e coletivos. O roteiro foi apresentado como o primeiro passo do processo audiovisual — aquele momento de escutar o mundo ao redor e tomar decisões criativas sobre como contar uma história.

Esta apostila reúne propostas práticas e reflexões para apoiar a construção de roteiros de curta duração que expressem sua visão de mundo e deem visibilidade às histórias, modos de vida e lutas dos territórios onde você vive e atua. Afinal, todo documentário começa antes da câmera: nasce do compromisso com o que se escuta, do cuidado com o que se vê e do desejo de contar algo que precisa ser compartilhado. Os vídeos desenvolvidos a partir deste módulo estão disponíveis no canal da TV Territórios Rurais e Cultura Alimentar:

www.youtube.com/@territoriosruraiscultura

Antes da câmera

“Essas histórias não eram só contos,
eram documentários vivos. Eu visualizava tudo.
Foi assim que entendi que roteiro
também nasce da escuta.”

Monique Queiroga

Antes mesmo de qualquer imagem ser registrada, o documentário já começou. Ele nasce da escuta, da presença e da atenção ao que está em volta. Escutar com cuidado é o primeiro passo para construir narrativas que realmente dialoguem com a realidade e com as pessoas retratadas.

Neste momento inicial, você é convidado(a) a observar o mundo com calma. Olhar para o território onde vive, ouvir as vozes da sua comunidade, perceber os detalhes do cotidiano, o que é dito e o que permanece em silêncio. Tudo isso é matéria de roteiro. O curta documentário começa a se formar na escuta, na memória e na sensibilidade de quem observa.

Essa escuta precisa ser atenta e respeitosa. Muitos filmes que tocam o público não são feitos com grandes recursos, mas com escuta verdadeira. Histórias contadas pelos mais velhos, lembranças familiares, vivências do território — tudo isso pode se transformar em roteiro quando você se permite escutar com profundidade. O olhar documental começa assim: ouvindo o outro e ouvindo a si mesmo(a).

Essa etapa também é um convite ao reconhecimento. Reconhecer o valor do que é vivido no dia a dia, das histórias da sua comunidade, das expressões que às vezes são vistas como pequenas, mas carregam força simbólica e política.

Os curtas documentários que nascem desse lugar têm potência justamente por partirem do que é real, vivido e compartilhado.

A câmera, nesse processo, vem depois. Antes dela, existe a intenção: o desejo de contar algo que importa. E para isso, é preciso saber escutar. Com escuta e presença, o roteiro começa a se desenhar naturalmente — mesmo que ainda não esteja escrito. Você começa a perceber o que quer contar, a quem quer dar voz, o que quer revelar.



Agora, pense: há uma história da sua comunidade que você ouviu mais de uma vez? Por que será que ela continua sendo contada? O que ela revela sobre o território? O que ela esconde? E o que você poderia fazer com essa história se decidisse transformá-la em um curta documentário?

O papel do roteirista

“Cada um chega ao roteiro por um caminho. A escuta é o primeiro roteiro.”

Monique Queiroga

Escrever um curta documentário não começa com uma folha em branco, mas com o ato de escutar. O papel do roteirista nesse processo é muito mais do que organizar cenas ou falas: é o de alguém que escuta com atenção, interpreta com sensibilidade e escolhe com responsabilidade o que e como contar.

Você não precisa inventar uma história. A realidade já está cheia delas. Seu trabalho é perceber quais fragmentos da vida merecem ser revelados e de que forma. O roteiro é o caminho para transformar o que é vivido em linguagem audiovisual, criando pontes entre as pessoas, os lugares e os sentidos que compõem aquele universo. Essa escolha de recorte, de tom e de estrutura é uma forma de posicionamento — e isso exige consciência.

Assumir o papel de roteirista é também reconhecer que toda narrativa carrega uma intenção. Mesmo o silêncio em um filme comunica algo. Mesmo aquilo que você decide não mostrar diz sobre a sua escolha e a sua escuta. Por isso, mais do que “escrever bem”, o roteirista precisa escutar com responsabilidade. Como já foi dito: tem que saber ouvir com humildade. Isso vale tanto para quem fala no filme quanto para quem vai assisti-lo.

O roteiro é, portanto, uma ferramenta de escuta, interpretação e construção. Ele organiza uma visão de mundo e transforma a realidade em uma narrativa possível — sem esvaziar sua complexidade. Ao escolher um personagem, um tema, um conflito, você está fazendo um convite ao espectador: olhe para isso, preste atenção nesse detalhe, pense sobre essa história.

Nesse processo, é importante lembrar que o roteirista não é dono da verdade. O roteiro não existe para “explicar” o mundo, mas para compartilhar olhares, levantar perguntas e provocar reflexões. Por isso, o compromisso ético com quem está sendo retratado é tão importante quanto a criatividade de quem escreve.



Pense no roteiro como uma trilha: ele ajuda a guiar o caminho, mas não controla todos os passos. Muitas vezes, a realidade vai surpreender, mudar a rota ou abrir caminhos inesperados. E tudo bem. O bom roteiro é aquele que sabe para onde quer ir, mas tem espaço para o que a vida trazer.

Escuta e o Documentário Pessoal

“ Às vezes a gente acha que nossa história é só nossa. Mas quando você conta com verdade, ela vira um espelho pro outro. ”

Monique Queiroga

Toda história pessoal, quando contada com verdade, pode tocar outras pessoas. O documentário pessoal parte da própria vida, mas nunca termina nela. Ele começa no íntimo — em uma memória, um sentimento, um conflito — e se abre para o coletivo, conectando experiências que, mesmo sendo individuais, carregam algo universal.

Escutar a si mesmo(a) é tão importante quanto escutar os outros. Muitas vezes, os temas mais potentes nascem daquilo que vivemos, do que nos marcou, das perguntas que ainda não respondemos. O documentário pessoal é uma forma de transformar essas experiências em narrativa audiovisual — não para se expor, mas para compartilhar, refletir, provocar.

Essa escuta interior é também um gesto de cuidado. Ao olhar para dentro, você acessa afetos, memórias e valores que moldam sua visão de mundo. Quando decide transformar isso em roteiro, o desafio é escolher o que contar e como contar, respeitando a si mesmo(a) e aos outros envolvidos. É um processo que pede coragem e honestidade.

Ao trabalhar com histórias pessoais, o roteiro se aproxima de algo sensível e poderoso. São nesses momentos que surgem os filmes que emocionam, que geram identificação, que constroem pontes entre o que é vivido e o que é sentido por quem assiste. A memória, o afeto, o cotidiano — tudo isso pode ser matéria-prima de um curta documentário que educa e transforma.

É importante lembrar que o pessoal também é político. Contar a própria história pode ser um ato de resistência, de afirmação, de denúncia. Isso vale especialmente quando falamos de corpos, territórios e existências historicamente silenciadas. Ao dar visibilidade a essas narrativas, o documentário pessoal amplia o repertório do que é considerado importante contar.



Para começar, pense em uma lembrança forte da sua infância ou juventude. Pode ser uma imagem, uma conversa, uma sensação. O que essa memória diz sobre você? O que ela revela sobre sua comunidade? Existe algo aí que outras pessoas também vivem, mas ainda não foi dito? Talvez essa seja uma semente de documentário.

Estrutura do Roteiro Documental

“ Não precisa ser linear, mas precisa ter lógica interna. A introdução fisga, o desenvolvimento mergulha e a conclusão provoca. ”

Monique Queiroga

Mesmo que cada documentário siga caminhos próprios, a organização interna da narrativa é essencial. Um roteiro bem estruturado ajuda a transformar ideias soltas em um percurso coerente, com início, meio e fim — mesmo que esse percurso não seja cronológico ou convencional.

A estrutura mais comum para curtas documentários pode ser entendida em três partes principais:

- **Introdução:** é onde você apresenta o universo do filme. Pode ser com uma imagem forte, um som marcante, uma fala impactante. O objetivo aqui é fisgar quem está assistindo, criando interesse e despertando sensações.
- **Desenvolvimento:** aqui é onde você mergulha na história. É o corpo do documentário, o espaço para desenvolver os personagens, conflitos, reflexões ou situações que dão profundidade ao tema.
- **Conclusão:** não precisa oferecer uma resposta final, mas sim deixar uma marca. Pode ser uma pergunta, uma imagem simbólica, uma sensação. O importante é que quem assista saia tocado, provocado(o), transformado de alguma forma.

Essas etapas não são regras fixas, mas sim referências para ajudar na construção do roteiro. É possível inverter a ordem, repetir elementos ou usar estruturas mais abertas — desde que haja uma lógica interna que conduza o espectador. O importante é que o filme “faça sentido”, mesmo que o sentido seja poético ou subjetivo.

Nos curtas, essa estrutura precisa ser enxuta e precisa. Não há tempo para divagações longas ou excesso de informações. Por isso, cada escolha narrativa precisa ser intencional: cada imagem, cada som, cada fala precisa contribuir com o todo.

Você pode pensar o roteiro como um mapa. Ele mostra onde começa sua história, por onde ela passa e onde (ou como) ela termina. Ter esse mapa em mãos não impede que surjam surpresas durante as filmagens — pelo contrário, ele ajuda a acolher essas surpresas com mais segurança.

Aqui vai um exercício prático: pense no tema que você quer abordar. Como você abriria esse curta? Com uma cena? Uma pergunta? Um som? Depois, o que aconteceria no desenvolvimento? Quem aparece? O que acontece? E, por fim, como você gostaria de encerrar o filme — com uma imagem forte? Com uma frase? Com um silêncio? Organizar essas três etapas ajuda a transformar sua ideia em narrativa.

Estilos de documentário

“ Seu filme pode começar expositivo e virar poético. Ou ser participativo com momentos reflexivos. O importante é ser coerente com sua proposta. ”

Monique Queiroga



Existem diferentes formas de construir um curta documentário. A escolha do estilo é como escolher a maneira de se relacionar com o tema, com as pessoas envolvidas e com quem vai assistir. Cada estilo traz uma abordagem diferente e abre caminhos distintos de contar a mesma história.

Conhecer os estilos documentais ajuda você a decidir como quer construir a linguagem do seu filme. Abaixo, vamos apresentar seis estilos principais. Eles não são “caixinhas” fechadas — podem se misturar ou se transformar ao longo do roteiro. O essencial é que a escolha do estilo combine com o conteúdo e com a intenção do documentário.

Expositivo

É o estilo mais direto e explicativo. Usa narração em off, imagens de apoio e uma estrutura lógica para apresentar argumentos ou informações. É comum em documentários educativos, jornalísticos e institucionais. Ideal quando você quer informar, explicar ou denunciar.

Observacional

Aqui a câmera observa, sem interferência. O foco está em acompanhar a realidade como ela acontece. Não há narração nem entrevistas diretas. O filme se constrói a partir do cotidiano. É um estilo que exige paciência e atenção aos detalhes. Pode ser muito potente para retratar rotinas, gestos e relações com delicadeza.

Participativo

Neste estilo, quem filma também participa da narrativa. A câmera interage com os personagens, seja em entrevistas, conversas ou até aparecendo em cena. É ideal para histórias mais íntimas ou quando o/a realizador(a) tem relação direta com o tema.

Poético

Rompe com a lógica tradicional de contar histórias. Aqui, as imagens, sons, cores, texturas e sentimentos falam por si. O ritmo pode ser livre, a montagem mais sensorial. É um estilo que convida à contemplação, à emoção, à imaginação. Muito usado quando se quer transmitir atmosferas, afetos ou metáforas.

Reflexivo

O filme mostra também o processo de fazer o documentário. A câmera revela bastidores, dúvidas, ensaios e escolhas. É uma forma de colocar em cena o próprio ato de documentar, questionando o olhar, a linguagem, o poder da representação.

Performático

Mistura encenação e realidade. A pessoa que filma ou os personagens podem representar, criar situações ou provocar cenas para expressar uma ideia.

Funciona bem quando você precisa representar algo que não é visível diretamente, como uma memória ou um sentimento.

Esses estilos podem (e muitas vezes devem) ser combinados. Um mesmo curta pode ter momentos expositivos e depois mergulhar no poético, ou partir do observacional e se tornar participativo. O importante é que essas escolhas sejam coerentes com o tema, com os personagens e com a forma que você deseja se comunicar com quem vai assistir.

Dica prática: ao pensar seu roteiro, pergunte-se: como quero me relacionar com essa história? Vou mostrar, vou explicar, vou provocar, vou me colocar dentro dela? A resposta pode te ajudar a escolher o estilo (ou os estilos) do seu filme.

Elementos fundamentais do roteiro

“É melhor contar bem uma história simples em 3 minutos do que tentar falar do mundo inteiro e se perder.”

Monique Queiroga

O roteiro é o plano que dá forma ao seu curta documentário. Ele organiza ideias, temas, personagens e escolhas estéticas para que sua história tenha clareza, coerência e força narrativa. Mas escrever um roteiro não é só seguir uma fórmula: é também um processo de reflexão e afeto. É quando você decide o que contar, por que contar, como contar e para quem.

A seguir, estão os principais elementos que você deve considerar ao escrever seu roteiro:

Tema Central

.....

Todo curta precisa de um foco. O tema é o que sustenta a narrativa — não apenas o “assunto”, mas a questão que você quer explorar. Pode ser algo amplo como “memória” ou mais específico como “a relação com a terra”. O importante é que esse tema tenha densidade e possa ser desenvolvido de forma clara no tempo que você tem.

Exemplo: Você pode fazer um filme sobre uma feira agroecológica. Mas o tema central pode ser a resistência dos saberes populares, ou o papel das mulheres na agricultura, ou a relação entre comida e cultura.

Justificativa

Aqui você responde duas perguntas importantes: por que essa história precisa ser contada agora? e por que você é a pessoa certa para contá-la? Isso ajuda a entender o seu vínculo com o tema e o que está em jogo ao narrá-lo. Toda história tem um motivo e um momento.

Essa justificativa pode vir do afeto, de uma urgência política, de uma inquietação pessoal ou de uma responsabilidade com o território.

Personagens

Os personagens são a alma do documentário. Mesmo que não haja “atores”, são eles que guiam a narrativa com suas histórias, falas, gestos e silêncios. Escolher bons personagens é escolher vozes que representam, tensionam ou iluminem o tema.

Você não precisa ter muitos. Um ou dois podem ser suficientes — desde que tenham vínculo com o que se quer contar. Às vezes, o próprio realizador ou realizadora também é um personagem.

Pesquisa

Toda boa história precisa ser sustentada por observação e escuta. A pesquisa pode vir de conversas, da vivência no território, da memória, de arquivos pessoais ou da história oral. O mais importante é que exista um mergulho no universo retratado. Pesquisar é uma forma de respeito com o tema e com quem vai aparecer no filme.

Lembrete: mesmo quando baseada em experiências cotidianas, a pesquisa deve ser ética e profunda. Evite distorções, simplificações ou interpretações superficiais.

Público-alvo

Saber para quem você está fazendo o curta ajuda a definir a linguagem, o ritmo, as imagens e até os sons. Um documentário voltado para jovens pode ter uma abordagem diferente de um voltado para lideranças comunitárias ou educadores(as). Pensar no público é um gesto de cuidado com quem vai assistir e com a forma de comunicar sua ideia.

Pergunte-se: quem você quer que veja esse filme? O que você deseja provocar nessas pessoas?

Minutagem e Planejamento

Como estamos falando de curtas, o tempo é limitado. E isso exige precisão. Não dá para dizer tudo — por isso, é preciso escolher bem. Um curta de 3 a 5 minutos, por exemplo, pode contar uma única história, explorar uma memória específica ou desenvolver uma ideia central com foco.



Além disso, planejar as etapas de gravação (locações, dias de filmagem, recursos disponíveis) te ajuda a transformar seu roteiro em realidade, respeitando os limites e possibilidades da produção.

Com esses elementos, seu roteiro ganha corpo, direção e propósito. Eles não são uma fórmula, mas sim um guia para te ajudar a organizar o que você quer expressar — com clareza, sensibilidade e intenção.

Critérios de avaliação do roteiro

“ O roteiro é a ponte entre sua ideia e o entendimento do público. ”

Monique Queiroga

Avaliar um roteiro é mais do que julgar se está “certo” ou “errado”. É compreender se ele comunica com clareza o que se propõe a contar, se está alinhado ao tema e se oferece uma experiência coerente e significativa para quem vai assistir. Um bom roteiro, mesmo simples, transmite verdade, tem foco e desperta interesse.

A seguir, apresentamos alguns critérios que podem te ajudar a revisar e fortalecer seu roteiro durante o processo de criação:

Clareza do Tema

O roteiro deixa claro sobre o que o curta trata? Há uma ideia central que atravessa o filme, ainda que de forma poética ou simbólica? A ausência de um tema claro pode fazer o curta parecer disperso ou confuso.

Dica: releia seu roteiro e tente resumir o filme em uma frase. Se isso for difícil, talvez o tema ainda esteja pouco definido.

Estrutura Narrativa

Mesmo que não seja linear, o roteiro precisa ter uma lógica interna. É possível identificar uma introdução, um desenvolvimento e um desfecho (ainda que subjetivo)? Há um percurso, uma transformação ou tensão que sustenta o curta do início ao fim?

Lembre-se: não se trata de seguir uma fórmula, mas de conduzir o espectador com clareza e intenção.

Personagens Significativos

Os personagens escolhidos têm relação direta com o tema? Eles trazem complexidade, emoção ou representatividade à narrativa? A presença deles ajuda a sustentar a história, ou parecem deslocados?

Um único personagem bem construído pode ser mais potente do que muitos personagens mal explorados.

Profundidade da Pesquisa

Fica evidente que houve escuta, observação e cuidado no desenvolvimento do roteiro? O universo retratado é respeitado e bem contextualizado? Mesmo que a fonte seja o cotidiano, há consistência e responsabilidade na forma como o tema é abordado?

A pesquisa não precisa ser formal, mas precisa ser sensível e real.

Coerência Estética

O estilo do roteiro (poético, expositivo, participativo etc.) está em sintonia com o tema e com a proposta narrativa? As escolhas visuais e sonoras reforçam a mensagem ou entram em conflito com ela?

Por exemplo: um tema delicado pode se beneficiar de uma linguagem sensível e silenciosa, enquanto um tema político pode pedir algo mais direto e provocador.

Adequação ao Público-alvo

Está claro para quem o curta está sendo feito? A linguagem e o ritmo escolhidos dialogam com esse público? As referências culturais, visuais e sonoras são acessíveis para quem vai assistir?

**Pensar no público não significa limitar sua criação,
mas torná-la mais eficaz e empática.**

Esses critérios servem como bússola para que você avalie o próprio roteiro ou acompanhe o desenvolvimento do roteiro de outras pessoas. Mais do que buscar a perfeição, o foco deve estar na intenção e na clareza do que se quer comunicar. Um curta documentário potente nasce do encontro entre verdade, afeto e organização narrativa.

Formatos de roteiro: como escrever?

“ Vocês já têm a história na cabeça.
Agora é só transformar em roteiro.
E o roteiro não precisa
prever tudo — ele prepara. ”

Monique Queiroga

Escrever o roteiro de um curta documentário é, antes de tudo, organizar uma ideia com intenção e sensibilidade. Diferente da ficção, o documentário lida com a imprevisibilidade da vida real — por isso, o roteiro precisa ser flexível, mas também claro. Ele orienta o olhar, define caminhos e prepara o terreno para as filmagens, sem engessar o processo criativo.

Existem dois formatos principais que você pode usar para escrever o seu roteiro. Cada um tem suas características e pode ser mais adequado conforme o estilo e a proposta do seu curta:

Formato de Roteiro Ficcional (Cena a Cena)

.....

Esse modelo é mais próximo do roteiro tradicional usado em cinema de ficção. Ele descreve as cenas uma a uma, incluindo:

- Local e horário (Ex: “Interior – Cozinha da casa de Dona Maria – Manhã”)
- Descrição da ação (Ex: “Dona Maria corta mandioca enquanto conversa com a neta”)
- Diálogos ou falas marcantes
- Observações técnicas (se necessário)

É um formato útil quando você já sabe o que vai ser dito ou feito em cena — como em documentários performáticos ou com reconstituições, por exemplo. Também ajuda se você precisar organizar encenações, leituras, gravações de voz ou entrevistas planejadas.

Formato em Colunas (Vídeo / Áudio)

Esse é o modelo mais utilizado em documentários e ideal para organizar diferentes camadas de som e imagem. Ele se divide em duas colunas:

- **Coluna de Vídeo:** o que será visto (imagens, cenas, arquivos, filmagens do território, personagens etc.)
- **Coluna de Áudio:** o que será ouvido (falas, narração, trilha sonora, ruídos, silêncios etc.)

Esse formato permite visualizar como imagem e som vão dialogar no filme. É ótimo para quem trabalha com entrevistas, imagens de arquivo ou deseja planejar a montagem com mais clareza.

Um Roteiro que se Transforma

No documentário, o roteiro nunca está 100% pronto antes da filmagem. Ele começa como uma proposta — um mapa narrativo — e se transforma ao longo do processo: na escuta, na gravação e principalmente na montagem.

Durante a edição, você pode descobrir sentidos que não estavam previstos, reorganizar cenas, incluir falas inesperadas, mudar o desfecho. Isso não é um erro: é parte da linguagem documental. O roteiro é, na verdade, uma construção viva.

Por isso, não se preocupe em acertar tudo na primeira versão. Escreva, revise, reordene. Vá ajustando conforme sua pesquisa avança, conforme os personagens aparecem, conforme a história se revela.

Escrever roteiro de curta documentário é aceitar que a realidade também escreve com você.

Análise de projetos: Inspirações para o projeto educativo

“ Vocês já têm a história na cabeça.
Agora é só transformar em roteiro. ”

Monique Queiroga

Durante o curso, os projetos desenvolvidos pelos participantes serviram como ponto de partida para reflexões importantes sobre o processo de criação de roteiros documentais. Mas mesmo para quem não participou diretamente das aulas, é possível aprender com os caminhos trilhados por esses roteiros em construção.

A seguir, apresentamos algumas observações e exemplos que surgiram a partir das trocas realizadas, e que podem inspirar você que deseja desenvolver um curta documental com base em vivências pessoais ou coletivas:

Roteiros que nascem do território

.....

Alguns projetos partiram de histórias familiares, práticas culturais ou situações vividas em comunidades rurais. Esses roteiros revelaram o quanto a conexão com o território — com o chão, a memória, o cotidiano e os modos de vida — traz profundidade à narrativa. Isso pode se expressar em uma cena simples, como um café sendo coado ao som da rádio local, ou em uma entrevista com uma liderança comunitária.

Inspiração: comece observando o que há de único no seu entorno. Que história você pode contar que só poderia acontecer aí, onde você vive?

A importância do recorte

Roteiros mais claros e impactantes foram aqueles que escolheram um foco bem definido. Em vez de tentar contar tudo, eles se concentraram em uma única história, um personagem, um sentimento. Isso é essencial em curtas documentários, onde o tempo é limitado.

Inspiração: pense em um tema que você gostaria de abordar. Agora, tente transformar esse tema em uma pergunta simples. Por exemplo: “Como minha avó ensina valores por meio da comida?” ou “O que minha casa diz sobre minha história?”

Estética sensível

Muitos projetos apostaram em uma linguagem poética, com narração em off, uso de imagens simbólicas, sons ambientes e silêncio como elemento narrativo. Essa liberdade estética pode ser muito potente quando usada com intenção.

Inspiração: experimente construir cenas a partir de sensações. Em vez de apenas descrever o que acontece, pergunte-se: que sensação eu quero provocar em quem assiste?

Escuta como ponto de partida

A escuta apareceu como uma das marcas principais dos roteiros mais tocantes. Escutar o outro, escutar o território, escutar a si mesmo. Essa escuta se traduz em roteiros cuidadosos, que não forçam uma história, mas acolhem o que a realidade traz.

Inspiração: antes de escrever, escute. Conversem com as pessoas ao seu redor. Grave suas próprias memórias. Deixe que a história surja da escuta, não apenas da ideia.

Estrutura ajuda a dar forma

Mesmo nos projetos mais experimentais, a organização da narrativa ajudou a construir o sentido do filme. Saber por onde começar, como desenvolver e de que forma encerrar não limita a criação — apenas ajuda a dar forma ao que se quer comunicar.

Inspiração: ao desenvolver seu roteiro, pense em três momentos: como começa, o que se aprofunda, e como termina. Isso já é uma base suficiente para guiar a montagem.

A força do simples

Muitos curtas poderosos nascem de situações simples, quando contadas com verdade. Um gesto cotidiano, uma receita de família, uma lembrança antiga — tudo isso pode ser a base para um filme se o roteiro souber escutar, recortar e estruturar com sensibilidade.

Inspiração: confie na sua história. Você não precisa contar tudo. Precisa contar algo com clareza, afeto e intenção.

Essas experiências mostram que qualquer pessoa, com escuta, sensibilidade e organização, pode transformar uma vivência em roteiro e um roteiro em filme.

Seja você parte de um ponto de cultura, de um coletivo, de uma comunidade rural ou apenas alguém que deseja narrar o mundo a partir do seu olhar, este material é um convite: experimente contar.

O próximo passo pode ser seu.



Atividades Práticas

1. Exercício de Escuta e Roteiro Pessoal

- Escreva, em uma folha, uma lembrança marcante da sua infância.
- Agora, pense: como essa lembrança pode virar uma cena?
- Que imagens, sons ou personagens estariam nela?

2. Jogo das 3 Partes

- Escolha um tema simples (ex: comida, casa, planta, rádio).
- Crie um mini-roteiro com três partes:
- Início que fisga: uma imagem ou fala marcante
- Meio que desenvolve: uma ação ou diálogo
- Fim que marca: uma pergunta, um silêncio ou um gesto

3. Cartografia Sonora

- Caminhe por um lugar do seu território gravando apenas os sons.
- Depois, escute com atenção: que paisagens aparecem sem imagem?
- Escreva um roteiro baseado apenas no som captado.

4. Roteiro com Dois Estilos

Escolha um tema e crie dois roteiros curtos sobre ele:

- Um em estilo expositivo (com narração e dados)
- Outro em estilo poético (com imagens e sensações)
- Depois, compare: que efeito cada estilo provoca em quem assiste?

Leitura Complementar

Documentário e narrativa

- **Bill Nichols – Introdução ao Documentário**

Obra fundamental para compreender os modos de representação e os tipos de documentário (expositivo, observacional, poético, etc.).

- **Adilson Xavier – Storytelling: histórias que deixam marcas**

Um guia prático sobre como usar emoção e estrutura para contar boas histórias.

- **Michael Renov – The Subject of Documentary**

Apresenta o documentário pessoal e suas relações com memória, identidade e emoção.

Mídia e educação

- **Henry Jenkins – Cultura da Convergência**

Trata do uso criativo das mídias por coletivos e jovens, com foco na participação e aprendizagem.

- **Ismar de Oliveira Soares – Educomunicação**

Base da reflexão brasileira sobre comunicação popular e práticas educativas com mídia.

- **Instituto Cultiva – Narrativas, Juventude e Territórios**

Textos sobre produção audiovisual em contextos rurais e periféricos, por e para jovens.

Filmes e Curtas Inspiradores

Esses títulos mostram como histórias simples, pessoais e coletivas podem se transformar em curtas documentários com potência política, poética e social.

Curtas com foco em território e identidade

- **Kbela** (Yasmin Thayná, 2015) – Corpo, memória e negritude
- **Peripatético** (Jéssica Queiroz, 2016) – Juventude, escola e exclusão
- **A Gis** (Thiago Carvalhaes, 2019) – Afeto e visibilidade trans
- **Ilha das Flores** (Jorge Furtado, 1989) – Ironia e crítica social
- **Terras** (Maya Da-Rin, 2009) – Migração e identidade nos territórios de fronteira

Documentários que dialogam com o pessoal e o político

- **Jogo de Cena** (Eduardo Coutinho, 2007) – Representação, voz e performance
- **O Fim e o Princípio** (Eduardo Coutinho, 2005) – Escuta e oralidade no sertão
- **Elena** (Petra Costa, 2012) – Memória e afeto na construção do eu
- **Meu Corpo é Político** (Alice Riff, 2017) – Corpo, gênero e resistência urbana
- **Espero Tua (Re)volta** (Eliza Capai, 2019) – Juventude e luta por educação

CURSO DE PRODUÇÃO DE VÍDEO E EDIÇÃO PARA CELULAR



PARCEIROS



REALIZAÇÃO

